

CONFIGURAÇÕES DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO: DA TRANSMISSÃO E SUAS REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Ana Carolina Viana Silva

Parece representar o marco da expansão do discurso analítico. Kupermann (1996) afirma que nesta obra, “os princípios e os fundamentos da psicanálise são estabelecidos e apresentados ao público pela primeira vez de forma sistemática”, o que acaba por estabelecer uma espécie de “convite à transferência” a Freud e a seu discurso sobre o inconsciente. Desse modo, temos uma primeira constatação: o ensino da psicanálise, isto é, sua transmissão estará sempre regulada pela transferência.

Ao distanciar-se do campo médico, Freud passa a redefinir os rumos na clínica da neurose: a especificidade de suas formulações teóricas e técnicas surgiam amparadas pelo exercício clínico de uma “escuta” diferenciada daqueles sujeitos, a escuta de seus desejos inconscientes. A amplitude e complexidade do conceito freudiano de inconsciente, e conseqüentemente, de sua invenção teórica – a psicanálise – logo produziu interlocuções com outros saberes e interesses variados, até o momento em que veio a ser absorvida pelo discurso das massas, embora frequentemente permeada por certos equívocos, como bem exemplifica o famoso dito: *Freud explica!*

De todo modo, a psicanálise hoje ocupa um lugar no discurso social. Neste âmbito, ela frequentemente se apresenta de maneira distorcida e indefinida. Isso porque ela é uma prática fundamentada no saber inconsciente, que segundo Safouan (1996) não se “didatiza” senão em uma experiência pessoal. As bases de sua continuidade se encontram, primeiramente, na própria experiência analítica como apontado por seu fundador no texto *A questão da análise leiga* (1926), mas também na reunião daqueles que se propõem trabalhar os desdobramentos dessa prática nas chamadas instituições

psicanalíticas, espaço no qual o ensino e a transmissão da psicanálise ocupam lugar privilegiado.

No texto, *A história do movimento psicanalítico*, Freud (1914/1996) nos relata que durante dez anos seu trabalho foi solitário; de início, não aceitaram a natureza peculiar das descobertas principalmente por revelarem o papel fundamental da sexualidade na etiologia das neuroses. O que a psicanálise descobria é que o sexual não pode ser tratado somente por seu caráter biológico, e que uma ampliação desta concepção se fazia necessária. Contudo, desde o início, esse parece ter sido um ponto de entre o criador da psicanálise e seus colaboradores: o rompimento entre Freud e Breuer, após Freud ter identificado a existência de motivações sexuais na relação de transferência estabelecida entre o médico e o paciente; e as modificações teóricas promovidas por Alfred Adler e Carl Jung que acabaram por distanciar-se das ideias centrais defendidas pela psicanálise, parem ilustrar essa resistência ao tema da sexualidade e sua relação com o psiquismo.

Somente em 1902, após a publicação da obra *A Interpretação dos sonhos* (1900), um pequeno grupo começou a se reunir regularmente às quartas-feiras à noite na casa de Freud, com o intuito de debater e difundir os conhecimentos desse novo campo. Logo se formaram as primeiras sociedades em diversos países, processo que culminou na criação da Associação Psicanalítica Internacional - IPA - em 1910, projeto idealizado por Freud e Ferenczi. Seria importante para a psicanálise descentralizar-se um pouco tanto da figura do Freud, quanto da cidade em que nascera; além disso, o seu fundador já contava com cinquenta e quatro anos e alguém precisava conduzi-la futuramente.

O artigo *Contribuições ao estudo do movimento psicanalítico*, publicado em 1973 na revista francesa *Scilicet*, cujo autor não é citado, afirma que Freud possuía

sérios motivos para acreditar que Jung seria “o ariano capaz de tirar a psicanálise do gueto judeu”, sua origem parecia ser realmente um obstáculo ao progresso da psicanálise. Estas questões transferenciais parecem ter sido decisivas nessa escolha, o que tornou mais “traumático”, se é que podemos falar nestes termos, o rompimento de Jung com a psicanálise e com Freud. Kupermann (1996), analisando o episódio diz: “Se no plano teórico é legítimo supor uma resistência de Jung à psicanálise, no plano transferencial transparece uma *resistência à mestria*” (1996, p.63).

Surge a partir da dissensão de Jung e Adler, a questão de como proteger a psicanálise das resistências que podem surgir internamente ao movimento. Ferenczi destacou a necessidade de uma primeira forma de controle: que um pequeno grupo fosse analisado pessoalmente por Freud, de modo que estes pudessem se tornar referências de confiança nos vários centros psicanalíticos – nascia aqui o paradigma da formação embutida da ideia de que “a transmissão da psicanálise é regulada pela transferência, e que a transferência (a Freud) seria o melhor instrumento para evitar “adultrações teóricas” com base em complexos pessoais” (KUPERMANN, 1996, p.64).

Embora a sugestão de Ferenczi tenha sido considerada a ideal, foi a alternativa proposta por Jones que se efetivou naquele momento: em 1912 Jones apresenta a Freud o projeto do Comitê Secreto, um grupo seletivo de analistas de confiança que seriam responsáveis pela defesa da causa analítica. No ano seguinte o Comitê inicia suas atividades que se estendem até por volta de 1926. A tentativa de descentralização do poder psicanalítico da figura de Freud objetivada com a criação da IPA parece ter sido inconsistente, já que um retorno ao mestre do saber analítico é efetivado com a atuação do Comitê Secreto paralelamente ao funcionamento da IPA.

O que se observa é que, sem dúvida, este momento inicial do movimento psicanalítico foi decisivo quanto aos rumos tomados pela psicanálise depois de Freud. Até 1918, a questão de como alguém se tornava psicanalista, não configurara um problema justo por se definir pelo reconhecimento dado pelo mestre, ou seja, pelo criador da psicanálise. Nesta primeira etapa de institucionalização, nos conta Millot (1976, p. 29-30):

Era possível ser reconhecido como analista por Freud quer pela prática da psicanálise, quer pelas contribuições teóricas trazidas. Balint denominou essa etapa da formação de período de instrução: os sonhos eram analisados reciprocamente (cf. a viagem de Freud com Jung e Ferenczi aos Estados Unidos) ou se fazia um fragmento de análise com Freud ao longo de passeios.

Somente em 1918 no Congresso de Budapeste foi expressa a ideia de que seria necessário que todo analista tivesse sido, ele próprio, analisado, ideia essa que se tornou uma regra analítica. Em 1920, surge o primeiro Instituto de formação de analistas em Berlim fundado por Karl Abraham e Max Eitingon, que em associação aos trabalhos desenvolvidos na policlínica criada no mesmo período, substanciavam o processo de formação apoiado no tripé: estudo teórico, análise pessoal e supervisão, indicado por Freud já em 1919 no texto em que trata sobre o ensino da psicanálise nas universidades.

O funcionamento do instituto foi assim definido: o *ensino teórico* era garantido por analistas da sociedade local de Berlim, que praticavam as análises *didáticas*; enquanto a experiência de condução clínica era assegurada pelos atendimentos *supervisionados*, proporcionados pela policlínica que oferecia tratamento analítico a preços simbólicos de modo que as “massas” pudessem ter acesso aos benefícios desta prática. (MILLOT, 1976). No entanto, a partir de 1930, este modelo torna-se cada vez mais, autoritário e burocrático. Previa-se para a admissão dos candidatos uma série de qualidades pessoais e atributos psicológicos, além de toda uma série de procedimentos

quanto à escolha do analista, o período e a frequência da análise didática. Uma *Comissão de formação do instituto* julgaria o momento oportuno de início da prática supervisionada. A prática sob supervisão durava cerca de dois anos e o conjunto da formação de três a quatro anos. (MILLOT, 1976, p.34).

Quando por volta da década de 1950, Lacan demarca este fenômeno de resistência à psicanálise dentro do próprio campo das sociedades psicanalíticas – representados pelos modelos antifreudianos adotados pela IPA – é por um retorno à Freud que ele apoia sua proposta. A questão introduzida por Lacan parece recair justamente sobre a questão da formação e as contradições do arranjo institucional da IPA com o próprio discurso analítico. De fato, sua crítica não tratava de estabelecer um corte com o discurso freudiano, como nos casos de Adler e Jung, ao contrário, recaía principalmente sobre a configuração das instituições psicanalíticas, “seus efeitos identificatórios e a própria teoria do processo analítico (e da didática) aí vigente: a psicologia do ego.” (KUPERMANN, 1996, p.129)

Em 1952 Lacan assume a presidência da instituição francesa e promove uma série de alterações no funcionamento do Instituto destinado ao ensino: “o Instituto será reconhecido antes de tudo pelo valor de seus alunos”. Após rompimento com SPP, em 1953 é fundada a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), instituição a qual Lacan aderiu junto aos alunos indignados com a postura de recusa da SPP às tendências “liberais” do grupo de Lagache e Lacan. No entanto, permaneceu o impasse quanto a questão da filiação à Internacional. (KUPERMANN, 1996)

É na tentativa de solucionar a problemática da filiação que, em 1964, Lacan funda a Escola Francesa de Psicanálise. Para além da crítica, era preciso lançar uma alternativa ao modelo que engessava a formação psicanalítica. A *Proposição de 9 de*

outubro de 1967, vem apresentar essa nova proposta: a Escola vem se diferenciar das chamadas Sociedades, justo por abandonar a formação hierárquica e os procedimentos adotados pela IPA em lugar de uma nova organização pautada na ideia do *gradus*, e de novos dispositivos (cartel e o passe) como formas de evitar os efeitos identificatórios de grupo, e garantir a livre circulação da experiência e do saber inconsciente.

A proposta da *Escola*, diferente das demais instituições não estabelece o “[...] consentimento prévio para dar início a uma análise “didática”, pois esta em nada se distingue da análise terapêutica. O que existe é a análise pessoal, que se revelará ou não didática só-depois, segundo tenha produzido um analista ou não.” (KAUFMANN, 1996, p.399). Ao formular a didática desta forma, Lacan introduz na problemática da formação algo que até então não havia sido questionado: *qual o desejo do analista?*

O desejo do analista, em cada caso, não pode de modo algum ser deixado fora de nossa questão, pela razão de que o problema da formação do analista o coloca. E a análise didática não pode servir para outra coisa senão para levá-lo a esse ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista. (LACAN, 1964, p.17).

Desse modo, Lacan desloca o problema da formação do analista obscurecida pela figura de um mestre, para a função que ocupa o analista, pois na análise didática o que se coloca em questão é o desejo do analista. A partir das teorizações de Lacan, a estrutura da situação analítica, e o lugar do analista recolocam em pauta a especificidade da formação do analista, que longe de definir-se pelo formato acadêmico-burocrático, exige o encontro com a verdade inconsciente.

BIBLIOGRAFIA

CHEIB, Roberto Jorge. (tradutor). Contribuição ao estudo da história do movimento psicanalítico. **Revista Scilicet** 4, Paris, Seuil, 1973.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A questão da análise leiga In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPERMANN, Daniel. **Transferências Cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições**. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

LACAN, Jacques. Do sujeito da certeza In: **O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MILLOT, Catherine. Sobre a História da Formação dos Analistas. In: COUTINHO

JORGE, Marco Antonio (org.). **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

SAFOUAN, Moustapha. **O mal-estar na psicanálise**. São Paulo: Papyrus, 1996.

SOBRE O AUTOR:

Ana Carolina Viana Silva. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-rio). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico do Estado do Maranhão (FAPEMA). Especializanda em Psiquiatria e Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB).